

EX-LIBRIS

RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

PRIMEIRAS TROVAS

BURLESCAS

DE

GETULINO.

.....
Com tudo, se os vir alguém
Que d'elles zombe, e de mim,
Defende-me, e dize assim :
Cada qual dá o que tem.
(F. X. DE NOVAES.)

S. PAULO.

TYPOGRAPHIA DOUS DE DEZEMBRO
DE
Antonio Louzada Antunes.

1859.

Manuel Pereira

Manuel Pereira
1859 - Dec 6/59

PRIMEIRAS TROVAS BURLESCAS.

PRIMEIRAS
TROVAS BURLESCAS

DE

GETULINO.

.....
Com tudo, se os vir alguém
Que d'elles zombe, e de mim,
Defende-me, e dize assim :
Cada qual dá o que tem.

(F. X. DE NOVAES.)



S. PAULO.

TYPOGRAPHIA DOUS DE DEZEMBRO

DE

ANTONIO LOUZADA ANTUNES.

Rua das Flores n. 35.

1859.

PROLOGO.

Embora um vate canhoto
Dos loucos augmente a lista,
Seja Cysne ou gafanoto,
Não encontra quem resista
Dos seus versos á leitura,
Que diverte, inda que é dura!

(F. X. DE NOVAES.)

No meu cantinho,
Encolhidinho,
Mansinho e quedo,
Banindo o medo;
Do torpe mundo,
Tam furibundo,
Em fria prosa
Fastidiosa—
O que estou vendo
Vou descrevendo.

Se de hum quadrado
Fizer hum ôvo
N'isso dou provas
De escriptor novo.

Sobre as abas sentado do Parnaso,
Pois que subir não pude ao alto cume,
Qual pobre, de hum Mosteiro á Portaria,
De trovas fabriquei este volume.

Vasias de saber, e de prosapia,
Não tractam de Ariosto ou Lamartine
Nem recendem as ternas ambrosias
De Marsyas, Lamiras e Aritine.

Sam rithmas de tarello, atropeladas,
Sem metro, sem cadencia e sem *bitóla*,
Que formam no papel um ziguezague,
Como os passos de rengo manquitóla.

Grosseiras producções d'inculta mente,
Em horas de pachorra coñstruidas;
Mas filhas de hum bestunto que não rende
Torpe lisonja ás almas fementidas.

Sam folhas de adurente cansação,
Remedio para os *parvos d'excellencia*;
Que aos arrobos cedendo da loucura,
Aspiram do *poleiro* alta eminencia.

E podem collocar-se á retaguarda
Os venerandos sabios de influencia;
Que o trovista respeita submisso,
Honra, patria, virtude, intelligencia.

Só corta, com vontade, nos malandros
Que fazem da Nação seu Monte-pio;
No remisso empregado, *sacripante*,
No lorpa, no paralta e no vadio.

A' frente parvalhoens, heroes Quixotes,
Borrachudos *Baroens* da traficancia;
Quero ao templo levar do grão Sumano
Os pejados fardeis d'ignorancia.



PRIMEIRAS

TROVAS BURLESCAS.



SAUDADES DO ESCRAVO. (*)

Escravo—não, não morri
Nos ferros da escravidão;
Lá nos palmares vivi,
Tenho livre o coração!
Nas minhas carnes rasgadas,
Nas faces ensanguentadas
Sinto as torturas de cá;
Deste corpo desgraçado
Meu espirito soltado
Não partiu—ficou-me lá!...

N'aquellas quentes areias
N'aquella terra de fogo,
Onde livre de cadeias
Eu corria em desaforo...
Lá nos confins do horizonte...
Lá nas planícies... nos montes...
Lá nas alturas do céu....
De sobre a matta florida
Esta minh'alma perdida
Não veio—só parti eu.

A liberdade que eu tive
Por escravo não perdi-a;
Minh'alma que lá só vive
Tornou-me a face sombria,
O zunir do fero açoite
Por estas sombras da noite
Não chega, não, aos palmares!
Lá tenho terras e flores....
Minha mãe..... os meus amores....
Nuvens e céus.... os meus lares!

Não perdi-a—que é mentira
Qu'eu viva aqui onde estou;
A' toda hora suspira
Meu coração—p'ra lá vou!
Oíço as féras da floresta,

Em feia noite como esta
Enchendo o ar de pavor!
Oiço, oh! oiço entre os meus prantos
Alem dos mares os cantos
Das minhas aves de amor!

Oh nuvem da madrugada,
Oh viração do arrebol,
Leva meu corpo á morada
D'aquella terra do sol!
Morto embora nas cadeias
Vai poisal-o nas areias
D'aquelles plains d'alem,
Onde me chorem gemidos,
Pobres'ais, prantos sentidos,
Na sepultura que tem!

Escravo—não, inda vivo,
Inda espero a morte ali;
Sou livre embora captivo,
Sou livre, inda não morri!
Meu coração bate ainda
N'esse bater que não finda;
Sou homem—Deus o dirá!
D'este corpo desgraçado
Meu espirito soltado
Não partiu—ficou-me lá!

São Paulo—1850.

NOTA.

(*) Esta bella producção foi-nos dada pelo seu illustre autor o Exm. Snr. Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, publicamol-a na frente do nosso obscuro volume para nos servir de *Abracadabra*, nos mares tempestuosos das censuras, e nas horridas ambages do sordido egoismo dos *monopolistas*.



JUNTO À ESTATUA.

(NO JARDIM BOTANICO DA CIDADE DE SÃO PAULO.)

Já a saudosa Aurora destoucava
Os seus cabellos de ouro delicados,
E as boninas nos campos esmaltados
De crystalino orvalho horrifava.

(CAMÕES.—*Soneto.*)

Em placida manhan serena e pura,
Sentado á borda de espaçoso lago;
O corpo recostado em frio marmor,
Tostados membros sobre a terra quedos,
Qual tumido Titão de amor vencido,
Transpondo as serras, iracundos mares,
D'Aurora o berço perscrutando ouzado,
Dolorosos suspiros exalava
Meu fragil peito da natura escravo.

Já nos fulgidos umbraes do Oriente,
Trajando purpura magestoso vinha
Luzeiro ardente, que expandindo os rayos,
Deslumbra os olhos, a razão sucumbe;
E, com furtiva luz, sumidos iam
Notivagas espheras scintillantes.

As brandas auras perfumadas vinham,
De grato aroma que invejara Méca,
Nos tortos ramos assoprar de manso.

Em nuvens brancas lá do céo cahia
Pranto saudoso que derrama a Aurora,
Que humedece a terra, que floreira os prados.

Volatil bando de ligeiras aves,
Brandindo as azas pelo ar brincavam,
Modulando cançoens, ternas endeixas

Longe do mundo, das escravas turbas,
Que o ouro compra de avarentos Cresos,
A minh'alma aos delirios se entregava,
A' sombra de illusoens—de aereos sonhos!—

Formosa virgem de nevado collo,
De garços olhos, de cabellos louros;
Sanguineos labios, elegante porte,
Mimoso rosto de Erycina bella,

Curvando o seyo de alabastro fino,
Mimosa imprime nos meus labios negros
Gostoso beijo de volupia ardente!—
Vencido de prazer, nadando em gosos,
Já temeroso pé movendo incerto,
Vôo com ella ás regioens ethereas
Nas tenues azas de ternura infinda.

.... ..

Rasgado o véo das illusões mentidas,
Que est'alma fragil seduzir poderam,
Immovel terra, cambiantes flores,
Viram meus olhos no romper da Aurora;
E entre os braços, que cerrados tinha,
Gelada estatua de grosseiro marmore!....

Candidas boninas,
E purpureas rosas,
Violetas roixas
Do luar saudosas;

Verdejantes murtas,
Redolentes cravos,
Lindas papoulas
Da donzella escravos:

Ao soprar da brisa,
Em balanço undoso,
O mortal encantam
N'hum sonhar gostoso.

Mas fugindo as nuvens
Que a illusão fulgura,
Só vagueia a sombra
Da infernal ventura.



LÁ VAI VERSO!

Quero também ser poeta,
Bem pouco, ou nada, me importa
Se a minha veia é discreta,
Se a via que sigo é torta.

(F. X. DE NOVAES.)

Alta noite, sentindo o meu bestunto
Pejado, qual vulcão de flamma ardente,
Leve pluma empunhei, incontinentemente
O fio das ideias fui traçando.
As Nymphas invoquei para que vissem
Do meu estro voraz o ardimento;
E depois, revoando ao firmamento,
Fossem do *vate* o nome apregoando.

Oh Musa de Guiné, còr de azeviche,
Estatua de granito denegrado,
Ante quem o Leão se poem rendido,
Despido do furor de atroz braveza;
Empresta-me o cabaço *d'urucungo*, (1)
Ensina-me a brandir tua marimba,
Inspira-me a sciencia da *candimba*, (2)
A's vias me conduz d'alta grandeza.

Quero a gloria abater de antigos vates,
Do tempo dos Heroes armipotentes;
Os Homeros, Camoens—aurifulgentes,
Decantando os *Baroens* da minha Patria!
Quero gravar em lucidas columnas
Obscuro poder da parvoice,
E a fama levar da vil sandice
A's longinquas regioens da velha Bactria!

Quero que o mundo, me encarando, veja
Hum retumbante *Orphea de carapinha*,
Que a Lyra despresando, por mesquinha,
Ao som decanta de Marimba augusta;
E, qual outro Arion entre os Delfins,
Os avidos piratas embaindo—
As ferrenhas palhetas vai brandindo
Com estylo que presa a Lybia adusta.

Com sabença profusa irei cantando
Altos feitos da gente *luminosa*,
Que a trapaça movendo portentosa
A' mente assombra, e pasma á natureza !
Espertos eleitores de *encommenda*,
Deputados, Ministros, Senadores,
Galfarros Diplomatas—chuchadores,
De quem resa a cartilha da *esperteza*.

Caducas *Tartarugas*—desfructaveis,
Velharoens tabaquentos—sem juizo,
Irrisorios fidalgos—*de improviso*,
Finorios traficantes—*patriotas* ;
Espertos maganoens, *de mão ligeira*.
Emproados juizes de *trapaça*,
E outros que de honrados teem *fumaça*,
Mas que são refinados agiotas.

Nem eu proprio á festança escaparei;
Com foros de *Africano fidalgote*,
Montado n'hum *Barão*, com ar de zóte—
Ao rufo do tambor, e dos zabumbas,
Ao som de mil aplausos retumbantes,
Entre os netos da Ginga, meus parentes,
Pulando de prazer e de contentes—
Nas danças entrarei d'altas *cayumbas*. (3)

NOTAS.

(1) *Urucungo*—instrumento de musica africano; consiste n'hum arco de quatro a cinco palmos de comprimento, cuja bésta é de arame ou fio de barbante, tendo n'huma das extremidades huma pequena cabaça cerceada, que applicam sobre o ventre, tangida com uma varinha.

(2) *Candimba*—é, segundo algumas naçoens africanas, sciencia mysteriosa, que só póde ser perscrutada pelos sacerdotes.

(3) *Cayumbas*—danças animadas, ás quaes presidem os seres transcendentaes.



CARICATURA.

Pareee-me impossivel que o gamenho,
Que cuidadoso só tracta do cabello,
Não tenha transformado em um novello
O miolo, que encobre tal sedenho !
(Do Autor.)

Lá ginga na praça
Gentil namorado;
Vai tam adamado,
Que as bellas mais dengues
Lhe rendem mendengues.

Passinhos de Nympha
Mimosa, engraçada;
Parece ũa fada,
Nem Venus formosa
Como elle é garbosa.

Tregeitos femineos,
Pisar delicado,
Andar compaçado;
Oh céos, que luxuria,
Que terna meluria!—

Que ar seductor,
Que todo elegante,
Que lindo semblante,
Que pé delicado—
Parece moldado!

Mas se queres, Leitor, ver um contraste,
Adonis em Morcègo transformado,
Ou Cupido em figura de Macaco—
Aproxima-te ao nescio namorado.

E' hum velho farçola, desfructavel,
Com fumaças de joven, repinpado,
Que ao ridiculo se presta, qual demente,
Ou de praça de touros mascarado.



SORTIMENTO DE GORRAS

PARA

A GENTE DO GRANDE TOM.

Seja um sabio o fabricante,
Seja a fabrica mui rica,
Quem carapuças fabrica
Soffre um dissabor constante;
Obra prompta, vóa errante,
Feita avulso, e sem medida;
Mas no vôo suspendida,
Por qualquer que lhe appareça,
Lá lhe fica na cabeça,
Té as orelhas mettida !

(F. X. DE NOVAES.)

Se grosseiro alveitar ou charlatão
Entre nós se proclama sabichão;
E, com *cartas* compradas na Allemanha,
Por anil nos impinge ipecacuanha;
Se mata, por honrar a Medicina,

Mais voraz do que huma ave de rapina;
E n'hum dia, si errando na receita,
Practica no mortal cura perfeita:
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
Pois que tudo no Brasil é raridade!

Se os *nobres* d'esta terra empanturrados,
Em Guiné teem parentes enterrados;
E, cedendo á prosapia, ou duros vicios,
Esquecendo os negrinhos seus patricios;
Se mulatos de còr esbranquiçada,
Já se julgam de origem refinada,
E, curvos á mania que os domina,
Despresam a *vovó* que é preta-mina:
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
Pois que tudo no Brasil é raridade!

Se o governo do Imperio Brasileiro,
Faz cousas de espantar o mundo inteiro;
Transcendendo o Autor da geração,
O jumento transforma em *sor Barão*;
Se o estúpido matuto, apatetado,
Idolatra o papel de mascarado;
E fazendo-se o louco deputado,
N'Assembléa vai dar seu—*apolhado*:
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
Pois que tudo no Brasil é raridade!

Se impera no Brasil o patronato,
Fazendo que o Camello seja Gato.
Levando seu dominio a ponto tal,
Que torna em sapiente o *animal*;
Se deslustram honrosos pergaminhos
Patetas que nem servem p'ra meirinhos,
E que sendo formados Bachareis,
Sabem menos que pècos bedeis:
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
Pois que tudo no Brasil é raridade!

Se temos Deputados, Senadores,
Bons Ministros, e outros chuchadores;
Que se afferram ás tetas da Nação
Com mais sanha que o Tigre, ou que o Leão;
Se já temos calçadas—*mac-lama*,
Novidade que esfalfa a voz da Fama,
Blasonando as gazettas—que ha progresso,
Quando tudo caminha p'ra o regresso:
Não te espantes, ó Leitor da pepineira,
Pois que tudo no Brasil é chuchadeira!

Se contamos vadios empregados,
Porque sam de potencias afillados;
E succumbe, á matrôca, abandonado,
O homem de criterio, que é honrado;
Se temos militares de trapaça,

Que da guerra jámais viram fumaça,
Mas que empolgam chistosos ordenados,
Que ao povo, sem sentir, sam arrancados:
Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,
Pois que tudo no Brasil é chuchadeira!

Se faz opposição o Deputado,
Com discurso medonho, enfarruscado;
E pilhando a maminha da lambança,
Descrepa do papel, e faz mudança;
Se esperto capadocio ou maganão,
Alcança de um jornal a redacção,
E com quanto não passe de um birbante,
Vai fisingando o metal aurisonante:
Não te espantes, ó Leitor da pepineira,
Pois que tudo no Brasil é chuchadeira!

Se a guarda que se diz—Nacional,
Tambem tem caixa-pia, ou muzical,
E da qual o dinheiro se evapora,
Como o—Mal—da boceta de Pandora;
Se, depois, por chamar nova pitança,
No fundo se conserva a—Esperança;
E n'isto resmungando o cidadão
Lá vai ter ao calvario da prisão:
Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,
Pois que tudo no Brasil é chuchadeira!

Se temos magestosas Faculdades,
Onde imperam egregias potestades,
E, ápezar das luzes dos mentores,
Os jumentos tambem sahem Doctores;
Se varoens de preclara intelligencia
Animam a nefanda decadencia,
E a Patria abysmando em vil desdouro,
Só curam de ajuntar o torpe ouro:
E' que o sabio, no Brasil, só quer lambança,
Onde possa empantufar a larga pança!

Se a Lei fundamental—*Constipação*,
Faz papel de fallaz camaleão,
E surgindo no tempo de eleições,
Aos patetas illude, aos toleiroens;
Se luzidos Ministros, d'alta escolha,
Com geito, tambem mascam *grossa rolha*;
E clamando que—sam independentes—,
Em segredo recebem bons presentes:
E' que o sabio no Brasil, só quer lambança,
Onde possa empantufar a larga pança!

Se a Justiça, por ter olhos vendados,
E' vendida, por certos Magistrados,
Que o pudor afferrando na gaveta,
Sustentam—que o Direito é pura pèta;
E si os altos poderes sociaes,

Toleram estas scenas immorae;
Se não mente o rifão, já mui sabido:
Ladrão que muito furta é protegido—
E' que o sabio, no Brasil, só quer lambança,
Onde possa empantufar a larga pança!

Se ardente campeão da liberdade,
Dos povos apregõa a egualdade,
Libellos escrevendo formidaveis,
Com phrases, da peçonha impenetraveis;
Já do Céu perscrutando alta eminencia,
Abandona os tropheos da intelligencia;
Ao som d'argem se curva, qual vilão,
O nome vende, a gloria, a posição:
E' que o sabio, no Brasil, só quer lambança,
Onde possa empantufar a larga pança!

E se eu, que amigo sou da patuscada,
Prespego no Leitor esta maçada;
Que já sendo avesado ao soffrimento,
Bonachão se tem feito e pachorrento;
Se por mais que me esforce contra o vicio
Desmontar não consigo o artificio;
E quebrando a cabeça do Leitor
De um tarélo não passo, ou fallador:
E' que tudo que não cheira a pepineira
Logo taxam de maçante frioleira.

N'UM ALBUM.

Amigo.
Pedes um canto na Lyra,
A quem apenas lhe tira
Sons de viola chuleira ?
Insistes d'essa maneira ?
Não sabes que, por desgraça,
Por mais esforços que faça
Por ser vate é sempre em vão ?
Não vês que mente o rifão :
Quem porfia mata caça ?

(F. X. DE NOVAES.)

Se tu queres, meu amigo,
No teu Alb'hum pensamento
Ornado de phrases finas,
Dictadas pelo talento;

Não contes comigo,
Que sou pobretão:
Em cousas mimosas
Sou mesmo hum ratão.

Não fallo das flores,
Dos prados não fallo,
Nem tracto dos sinos
Porque teem badalo;

Da Ròla que geme,
A' borda do ninho,
Do tenue regato
Que corre mansinho;

Nem das travessuras
Do terno Cupido,
Que faz do beato
Janota garrido.

Mas se queres que alinhave
Palavras desconchavadas,
Desculpa, com paciencia,
Sandices que vão rithmadas.

Desprenda-se a veyá,
Comece a festança,
Mordendo, cortando—
Com toda chibança.

Ateye-se a Musa,
Na magra cachóla,
Com phrases flammantes
De chòcho pachóla.

E qual estudante,
Campando de sabio,
Que empunha a lunèta,
Que é seu astrolabio :

Eu pego na penna,
Escrevo o que sinto;
—Seguindo a doutrina
Do grande Filinto.

Que estou a dizer?!
Bradar contra o vicio!
Cortar nos costumes!
Luiz, outro officio....

Não luçtes com isso,
Trabalhas em vão;
E pódes tocar
N'algum PASPALHÃO.

Vai lá para a tenda
Pegar na sovêla,
Coser teus sapatos
Com linha amarella.

Mordendo na sóla,
Empunha o martello,
Não queiras, com *brancos*,
Metter-te á tarélo.

Que o *branco* é mordaz,
Tem *sangue azulado*;
Se boles com elle
Estás *embirado*.

Não borres um Livro,
Tam bello, e tam fino;
Não sejas pateta,
Sandeu e mofino.

Sciencias, e lettras
Não sam para ti;
Pretinho da Cõsta
Não é gente aqui.

.....

Ouvindo o conselho
Da minha razão,
Callei o impulso
Do meu coração.

Se o muinto que sinto
Não posso dizer,
Do pouco que sei
Não quero escrever.

Não quero que digam
Que fui atrevido;
E que na sciencia
Sou intromettido.

Desculpa, meu charo amigo,
Eu nada te posso dar;
Na terra que rege o *branco*,
Nos privam té de pensar !...

Ao peso do captiveiro
Perdemos razão, e tino,
Soffrendo barbaridades,
Em nome do Ser Divino!!

.....

E quando lá no horizonte
Despontar a Liberdade;
Calcando as algemas ferreas,
E proclamando a egualdade:

Do chòcho bestunto,
Cabeça farei;
Mimosas cantigas
Então te darei.—



ARREDA QUE LÁ VAI HUM VATE !

Quiz um pobre sandeu apatetado
Sobre as grimpas guindar-se do Parnaso;
Empunha huma bandurra desmanchada,
E nas ancas se encaixa do Pegaso.

As crinas se afferrando, como doido,
No bandulho do bruto as pernas cerra ;
Manquejando na prosa, em verso rengo,
Ufanoso da gloria exclama, e herra :

Ao Parnaso! Ao Parnaso subir quero !
De Clio o anafil pretendo ouzado,
Para a fama elevar do sacrilegio
Com meu fôfo bestunto estuporado.

Os gatos mostrarei fugindo aos ratos,
Vistosos fructos em arbusto pèco;
Jumentos á voar, touros cantando,
E grandes tubaroens nadando em secco !

Espanta-se o cavallo ao som da asneira,
E cuidando em si ter outro que tal,
Com saltos e corcovos desmedidos
O pateta lançou n'hum tremedal.

Todo em lama, o coitado, bezuntado,
A bandurra tocou destemperada,
E, por fim do descante, só ficaram
Asneiras, e sandices, patacoada.



Ó VELHO NAMORADO.

Pobre velho! Estás perdido,
Se n'esse couro tam duro,
Poude ainda fazer-te um furo
Huma setta de Cupido!
D'esse mal accometido,
Remedio te não darão ;
Que n'essa idade a paixão,
Bem que assim te não pareça,
E' molestia da cabeça,
Que não sente o coração.

(F. X. DE NOVAES.)

Um velho demente,
Mimoso ratão,
Fiado em Cupido,
Quiz ser *Maganão*.

Janeiros sessenta
Contava o patóla,
Com rugas na cára,
Com ar de farçóla.

Gorducho e roliço,
Qual porco catète;
Cabeça de còco,
Nariz de *pivète*.

De pança crescida,
Andar de garòto,
Franzido sobr'olho,
Olhar de maròto:

Cedendo á loucura,
Que d'elle zombava,
A barba e cabelo
Cuidoso pintava.

Brunía os sapatos,
O fato escovava;
Na dextra grosseira
Bengala empunhava.

Se via á janella
Mocinha dengosa;
De lindo semblante
E labios de rosa:

Então, derretido,
O velho lapuz,
Saltava, gingava,
Qual joven de truz:

Se a bella formosa,
Por mofa, sorria,
O pobre do *punga*
Alentos bebia.

Assim pretendia
Esposa encontrar,
Que a sua rabuje
Quizesse aturar.

Eis chega-se o dia,
De amor inspirado;
Enfeita-se o asno,
Assim preparado:

Da chara deidade
Trepando as escadas,
Com furia de bravo,
Dá quatro palmadas!

Lá corre a criada,
Mulata faceira,
De porte agradavel,
Nos modos brejeira;

E vendó o basbaque
A' moda vestido,
Exclama, sorrindo,
« Que lindo Cupido!...

« Bonita casaca,
« Collete bordado;
« Chapéo de patente,
« Cabello pintado!...

« Vem tam bonitinho!...
« A' quem quer fallar?
« —Co' a dona da casa
« Desejo tractar. »

Abrem-se as portas,
Entra o velhote;
Qual de azeitonas,
Grosso ancorote.

Eis chega a matrona,
Que a casa dirige;
D'aquella visita
A dona se afflige.

Tambem vem com ella
Formosa menina,
De louros cabellos,
E face divina.

« Que ordenas, pergunta,
« Illustre *Mancèbo*? »
Estufa-se o lorpa,
Cupido de sebo!

Prepara a garganta,
Tomando postura,
A' frente se poem
Da prenda futura.

E qual orador,
Em pleno auditorio,
O gebas começa
O seu palanfrorio :

O' Venus pudibunda, sem igual,
A' teus pés aqui tens este animal,
Que vencido de amor, pelos teus gestos,
Curvado te apresenta os seus protestos!
Vencestes do *bigode*—autoridade,
Do *soldado* a cruel severidade!
Este todo que vês tão rijo e duro,
Em bõrra ficará para o futuro;
Este peito que bate só por ti,
Já rendido e quebrado o tens aqui.
Guerreiro das campanhas *cupidarias*,
Dos mercurios, jalapas e fumarias.
Sou velho, mas em tudo tam perfeito,
Que não conto, se quer, um só defeito!

Agora tu, matrona ajuizada,
Que pariste esta prenda delicada,
Consente no casorio desejado,
—Não faças do *velhote* hum desgraçado!

Notando a donzella,
Que o péço fanfante,
Vencido de amores,
Se fez um pedante;

A' elle se chega,
Com ar seductor,
Que os peitos encanta
Que mata de amor;

Com gesto feminio
Que a mente não trahe,
Sorrindo, lhe disse:
« A bençam papae!... »

Depois, prazenteira,
A face voltando,
Com garbo de fada
Se foi retirando!...

E ouvindo chalaça tam picante
O avò de Saturno, delirante,
Não ficou homem, não, mas mudo e quedo
Qual junto de um penedo outro penedo!
E, depois que sentiu-se cudilhado,
Pela porta tomou, muinto enfiado.



O GRANDE CURADOR DO MAL DAS VINHAS!

Cesse tudo quanto a antiga Musa canta,
Que outro valor mais alto se alevanta!

CAMOENS.—*Lus. Cant. 1.*

Cá do antro escurecido em que eu habito,
Envolto na pobreza que me opprime;
Da fatal ignorancia ao duro peso,
Qual o réo que commette horrendo crime:

Ao mundo não lembrado, como a sombra
De ignorado Pastor em ermos valles;
Soffrendo da miseria átroz revezes,
Do meu fado curtindo acerbos males:

Prostrado á somnolencia que domina
A' turba dos mortaes assim rendidos,
De repente desperto ao som medonho
De brados estridentes—alaridos!

Impavido, correndo, me encaminho,
Em busca do successo não cuidado,
Que, os ares atroando, se annuncia,
Qual outro Adamastor, bramindo irado!

A' trancos e barrancos, tropeçando,
De subito deparo fronte a fronte,
Não de susto fallace comovido,
Com feyo, desgrenhado e sujo Bronte!

Era hirsuta a melena, esfiapada,
Que nos hombros vergados se esparzia;
A bocca retorcida, os dentes verdes,
E rotunda a cabeça, mas vazia.

Trajava uma casaca que invejára
Um *judas*, ou esguio Gafanhôto,
Presente que lhe dera, em despedida,
O seu velho patrão, que era piloto.

Montava, com denodo, hum grão tonel,
Tinha frente, de parras, enfeitada;
Empunhando na dextra huma seringa,
E na sextra huma vinha, já curada.

Diante do heroe vinham, saltando,
Uma chusma de Bacchos, de cornetas;
Tambem vinha *Priapo*, enfurecido,
Entre velhas zanagas, e cambêtas!

D'espanto dominado, lhe pergunto:
Quem és tu, ó mortal, que assim caminhas?
Responde-me o colosso, insano e forte:
« O grande curador do mal das vinhas!! »

E soprando-me a testa, d'improviso,
Por pouco me não deixa sem juizo!

Aos ares se elevou, empavesado,
As abas da casaca abrindo ouzado;
E, logo que da terra se apartou,
Sobre nossas cabeças espalhou:
Um chuveiro de annuncios, em gazettas,
Retumbantes artigos, grossas petas;
A capa-rosa, a galha, a t'rebentina,
Essencia de tabaco, e de quinina;

Pontinhas de charutos, já fumadas,
Ratos mortos, em vinho conservados;
Elogios *frondosos* em jornaes,
Sementes p'ra o fabrico de animaes:
Hum tractado das cousas reunidas,
E mais outras cousitas esquecidas !

Nem Cesar, Bonaparte, nem Mavorte,
E outros em quem poder não teve a morte,
Egualam, no saber, o vinhateiro,
Que das vinhas se acclama—curandeiro.

Por elle se esqueçam os humanos
De Assyrios, Persas, Gregos e Romanos;
E, no fasto da gloria, o mundo veja
Que, do Pindo, ao Parnaso o cume beija !



PACOTILHA.

**Não ralhem, não façam bulha,
Que eu não sei se isto é pulha.**

(POLKA.)

**Se vive á janella
Moçoila gorducha,
Qual freira capucha,
Mirando o janota;
Fazendo tregeitos,
De lenço abanaado,
O olho piscando—
E' tòla, idiota.**

Se meiga donzella,
D'amor delirante,
Em labias de amante
Segura se faz;
Poem fé no magano,
Lá cede hum beijinho,
Mais outro abracinho—
Está no carcaz....

Se velha caduca,
De face rugosa,
Pretende anciosa
Gentil namorado;
Com feyas caretas
O dente arreganha,
Suspira, por manha—
E' triste peccado.

E tendo na bocca
Postiço teclado,
Com cera pegado,
Que joga e chocalha,
Das moças crítica,
Com sanha de furia,
Banindo a luxuria—
Não passa de gralha.

Se tòlo basbaque,
Em prosa maçante
Julgando-se um Dante,
Se torna *poeta*;
Sem estro e sem tino,
De amor em furores,
Só falla das flores—
Precisa dieta.

E tendo na cára
Trombudo focinho,
Qual porco de espinho,
Se faz namorado;
Mettido em funduras
Lá geme, e suspira,
Qual fero Tymbira—
E' asno chapado.

Se guapo marido,
Rapaz de bom gosto,
Vai pelo sol posto
Jogar seu pacáo;
Deixando a *metade*,
Contente, alegrinho,
Não vê que o visinho....
Coitado, é *patáó*....

Mas sendo avesado
A' tal brincadeira,
Quindim, frioleira
Lhe chama—brejeiro
Na phrase do mundo
Não passa por tòlo;
Tem frente, e miòlo
De manso Cordeiro.

Se tropego velho,
De queixo cahido,
Dengoso e rendido,
Com moça se liga:
Lá quando mal cuida
Na frente lhe saltam,
Relevos que esmaltam,
Em fórma *d'espiga*.

Se *rapa* o que póde
Finorio empregado,
Campano de honrado,
Cuidando que brilha;
Em dia aziago
Tropeça e baqueia,
E vai, na cadeia,
Juntar-se á quadrilha.

Se impinge nobreza
Brutal vendilhão,
Que sendo *Barão*
Já pensa que é gente;
Aquelles que o viram
Cebolas vendendo,
Vão sempre dizendo—
Que o lorpa é demente.

Se em peitos que fervem
Infamias tremendas,
Avultam commendas
E premios de honor;
E' que, com dinheiro,
Os rudes cambêtas
Se lavam das tretas
E mudam de *côr*.

Se fino larapio,
De vicios coberto,
Com fóros d'esperto,
De honrado se acclama;
E' que a ladroeira
Banindo o criterio,
Firmou seu imperio
Co' a gente de *fama*.

Se audaz rapinante,
Fidalgo ou Barão,
Por ser figurão,
Triumphá da Lei;
E' que ha Magistrados
Que empolgam presentes,
Fazendo innocentes
Os manos da grey.

Mulato esfolado,
Que diz-se fidalgo,
Porque tem de galgo
O longo focinho;
Não perde a *catunga,*
De cheiro fallace,
Ainda que passe
Por brazeo cadinho.

E se eu que *pretecio,*
D'Angola oriundo,
Alegre, jucundo,
Nos meus vou cortando;
E' que não tolero
Falsários parentes,
Ferrarem-me os dentes,
Por brancos passando.

A GUARDA NACIONAL.

Desgraçado d'aquelle.
Que em galardão só tem o desabafo
De talhar, sem medida, carapuças
Mandal-as por ahi buscar cabeças !
Se algumas te servir, ou aos amigos
Que lá, de longe a longe te apparecem,
Pódes d'ellas dispor, que immensas ficam
Na fabrica onde tem muitas nascido,
Que dispersas voando, ao som do vento,
Nem-huma sem cabeça tem ficado.

(F. X. DE NOVAES.)

O' lá, Musa terrivel do canhão, (1)
Tu que a chamma conservas do morrão,
Aquece esta cachóla arrefecida,
Da inopia dos mandoens amortecida.

Agita do meu peito o coração,
Transforma estas entranhãs em volcão,
Para que todo o mundo attento escute
O cantor dos ratoens de Lilipute! (2)

E se alguns charlataens empavesados,
Quizerem molestar-me, enfarruscados;
Empunha com furor a ferrea lança,
A sucia toda poem em contradança.
Afinca n'essa sucia de tratantes,
Que campam de fidalgos, e chibantes.

Já venho de fazer invocação
Vou agora tractar da narração.

Quando o Brasil se achava em embrião,
Luctando pelos fóros de Nação,
E que o povo, coitado, em desatino,
Ao astuto cedia, ao malandrino,
Construia, p'ra si, fatal pelouro
Onde atado seria, com desdouro;
Esse poste—é a *Guarda* do Imperio,
Creada p'ra o salvar do vituperio.
Hum flagello que mór p'rece que infernal,
E que dizem chamar-se—*Nacional!*

A caduca Milicia, assim tractada,
De hum jacto toda foi desbaratada;
Eram restos do feudo d'alem-mar,
Que o Brasil não devia conservar:
E, para o *livre* povo Brasileiro,
Instituiu-se hum novo captiveiro!

Sam *Guardas* defensores do Estado—
Assim nos resa o pacto alambicado,
Que por ser mistiforio, ou desconchavo,
Já não valle, si quer, nem-hum só chavo!

Creou-se batalhoens de mascarados,
De chuços e bодоques enrestados,
Fardando á perequito ou papagaios,
Ou cousa parecida com lacayos.

D'este modo vivia o cidadão,
Qual figura de bruto paspalhão,
A espera de medida salutar
Que os abusos viesse terminar;
E tanto na reforma se fallou,
Que, por fim, nova Lei se promulgou.
Mas, segundo hum proverbio, muin sabido,
—De todo, o que era máo, ficou perdido,
Agora, p'ra resalva do costado,
Levamos chibatadas no quadrado!....
Oh, viva, viva a Santa Liberdade—
Em nome da *santissima vontade!!...*

Voltemos ao theatro do presente,
Deixemos o passado, que é demente;
Agora reina o luxo, a bizzarria,
O poder da *senhora picardia!*

Si os velhos batalhoens *Milicianos*
Que, se diz, eram restos de tyrannos,
Traziam nas cabeças barrilótes,
E, á cinta, vergados chifarotes;
Jarretoens, com figuras de patáos,
Que o riso provocavam dos maráos:
Hoje temos, por artes de *berloques*,
Palitos com aspecto de batoques!
Ligeiros arlequins, agaloados,

De asneira, e parvoice empanturrados;
Ridiculos figurinos ou bonecos
A quem o povo chama—*badamocos*:
Pedantes farfalhoens endiabrados,
E *n'arte do Vieira* jubilados.

Vè-se á cada canto hum figurão,
Com cára de amassado papelão;
E commendas em tanta quantidade,
Que o povo já diz ser—futilidade.
Grossa chusma de *bravos* Coroneis
Vagando pelas ruas, sem quarteis;
Alferes, Capitaens, e outros tantos,
Que gente se fizeram por encantos.

Diz a Biblia, fazendo grande alarma,
Que Moyses seccára o mar velho,
As aguas consumindo por milagre,
Que ainda abaixo tocavam do artelho.

Sandices da caduca antiguidade,
Já não ha quem admire taes portentos;
Pois temos figuroens, d'alto coturno,
Que provam, no saber, que são jumentos.

Chuveiros de *Baroens*, á troche-moche,
Enchames de fidalgos lambasoens;
Patentes, e mais honras militares,
Que servem de tropeço ou camalhoens.

Nem se conta por hy hum *José Nabo*,
Astuto, malandrino ou vendilhão,
Que á cintura não traga durindana,
E no punho hum signal de Capitão.

Se vaga pela noute o viandante,
E pisa n'hum trambolho, de repente,
Eis que brada huma voz de saltimbanco:
« Não me pise, senhor, que sou Tenente! »

Quem é você? Pergunta ao Caipira,
Hum alumno taful da gran Minerva;
Arreganha o sandeu brutal dentuça:
Eu, inhò, sò arfere da reserva!

Até o vendedor de cacos velhos.
A quem o povo chama—*Belchior*—,
Tem patente, chapéo com seu pennacho,
E nos hombros dragonas de Major!

E sam estes heroes, de ratoeira,
Que á frente de rendosa pepineira,
Sem honra, sem pudor, sem proibidade,
Mercadejam co' a nossa liberdade!

E quando taes palavras proferiu
A Musa terrivel sanguinosa,
Nos ares se librou, rapidamente,
As partes buscando de Tortosa.

Rasgando os umbraes d'athmosphera,
Do sol onde morre a claridade,
Lá onde só penetra o pensamento,
Os echos repetiram—Liberdade!...



NOTAS.

(1) A Deusa da guerra, segundo a descripção que encontramos em Cand. Lusit.

(2) Homens cuja altura não excedia a pouco mais de hum palmo, mas que em orgulho muinto acima estavam d'hum gigante.



A' HUM VATE ENCICLOPEDICO.

Quiz hum joven marchar, só por mania,
Das lettras pela senda trabalhosa;
Diz-se—Vate, mas prenda tam famosa
Ninguem nos versos seus a descobria.

Começa a dar patada, e tam bravia,
Que logo (alçando a voz imperiosa)
Lhe brada a Natureza: *Chega á prosa!*
E o maldito a encostar-se á poesia!

(F. X. DE NOVAES.—*Sonnet.*)

Qual cratera vomitando lava ardente,
Que de Pompeia sumiu a pobre gente,
Novo Eòlo os mares agitando,
Arbustos e penedos derrubando,
Argentino Quixote se appresenta
Com bulha que as cabeças atormenta!
E' Doctor em sciencias sociaes,
Conhece toda casta de animaes;
Em direito, supplanta o *Savigny*,
Mórmente quando toma a—*Paraty*;

E nos fastos da gran philosophia
Diz taes cousas que as carnes arrepia!

Da Medicina o novo *Chernoviz*,
Com charopes, do ferro tira o giz!
E, invadindo as *bayas* do Parnaso
O lugar conquistou do tal Pegaso.
A sabença nos cascos se lhe aninha,
E' por todos chamado o—Dom Fuinha;
E na boça rotunda da cachóla,
Só dizem que preside a c'raminhóla!

Hum taful que encarou o tal portento
Me affirmou que o coitado era jumento.
E querendo provar o que dizia,
Mostrava huma castrada poesia;
D'asneiras enchurrada furibunda,
Onde o erro fallaz superabunda:
Era prosa sediça, muin safada,
Asneira sobre asneira amontoada!
Eo fim da maçante frioleira
A firma do vate—babuzeira.

Correu, em peso, a sabia Academia,
Para ver o planeta que luzia;
Tambem veyo a Policia, a Medicina,
Discutir tanta asneira em sabbatina!—
Miraram de alto a baixo o *sacripante*
E vendo que o maroto e'fa pedante,
Na barca de Caronte o encaixaram,
P'ra casa dos orates o mandaram.

Lá se foi o talento desmedido,
Todo o povo deixando espavorido,
Habitar os saloens d'hum hospital
Onde cura terá para o seu mal.



NO ALBUM

DO SNR. CAPITÃO JOÃO SOARES.

Escrever n'hum Album !... Credo !
Expor-me á critica austera !
E se hum douto me impozera
Pena de longo degredo !
Nada... nada, tenho medo
De ir a alguém desagradar;
Não ponha o meu nome a par
Dos que tem estro e sciencia;
Amigo, tem paciencia :
Quem não tem não pôde dar.

(F. X. DE NOVAES.)

Manda Vossa Senhoria
Que o seu pobre servidor,
Empunhando leve pluma,
Seja feito hum escriptor !

E, qual Nume antipotente
Que domina os elementos,
Mostre, aqui, do encanto a força
Exhibindo altos talentos !

Nas trevas luctando,
Sem estro, sem guia,
Guindado na prosa,
Sem ter poesia;

Não sei como possa
Tal mando cumprir,
E, da brincadeira,
Já quero me rir.

No Album do Vate
Bem quero eserever;
Mas como fazel-o
Sem nada saber?

Metter-m' ábelhudo
Em cousas d'alcança,
Fazer traquinadas,
Soffrer algum trance?

Dizer asneirólas,
Sediçãs maçadas;
Borrando papel
Com phrases safadas ?

Curvar-me ás dentadas
De certos pedantes,
Qu'em versos e rithmas
Sam mesmo huns Atlantes?!

Nada, nada meu Senhor,
Não cahio n'essa esparrella;
Não quero que o mundo diga—
Que o Luiz é tagarella.

Não tenho sabença,
Não campo de autor;
Apenas me conto
Por hum fallador.

Das linguas extranhas
Nem-huma aprendi,
Em nosso idioma
Sou—*Kikiriki*.

De Euclides—os riscos,
De Schiller—a historia,
Se os li foi por brinco,
Não tenho em memoria.

E, demais, alem de tudo,
Da escholá sahi—por rudo.

Se, por desenfado,
No meu triste lar,
Com pennas e tinta
Me ponho a brincar;

Se accaso huma ideia,
Que vaga perdida,
Da minha cachóla
Faz sua guarida;

Se astuto demonio,
Finorio birbante,
Soprando na testa,
Me faz delirante;

E, si dominado
Por esse rabbino,
Algumas sandices
Escrevo, sem tino:

Depois reflectindo
No fôfo aranzel,
Em mil pedacinhos
Eu faço o papel.

Por mais que forceje
Não posso escrever;
Quem vir este livro
O que ha de dizer?

Chamar-me pateta,
Por grande favor;
E dar-me patente
—De máo palrador.

Si for *litterato*
Farçola, brejeiro,
Himpando dirá:
Sempre é sapateiro.

Mas eu que conheço
Mesquinho que sou,
Da minha *fachada*
Desfractes não dou.

Supplico de vós,
Meu charo Senhor,
Não queiraes o mal
Do triste cantor.

—No Album do Vate
De grande saber,
Hum pobre tarelllo
Não póde escrever.

Janeiro—1859.



SEREI CONDE, MARQUEZ E DEPUTADO!

Pela rua vagava, em desatino,
Em busca do seu asno que fugira,
Hum pobre paspalhão apatetado,
Que dizia chamar-se *Macambira*.

A' todos perguntava se não viram
O bruto que era seu, e *desertára*;
Elle é sério (dizia), está ferrado,
E tem branco o focinho, é *malacára*.

Eis que encontra postado n'hum esquina-
Hum esperto, artiloso capadocio,
Dos que mofam da pobre humanidade,
Vivendo, por milagre, em santo ocio.

O lá, senhor meu amo, lhe pergunta
O pobre do matuto, agoniado:
« Por aqui não passou o meu burrego,
« Que tem russo o focinho, o pé calçado? »

Responde-lhe o tratante, se sorrindo:
« O seu burro, Senhor, aqui passou,
« Mas hum guapo Ministro fel-o presa,
« E n'hum parvo *Barão* o transformou! »

Oh Virgem Santa! (exclama o tabaréu,
Da cabeça tirando o seu chapéo)
Se me pilha o Ministro, n'este estado,
Serei Conde, Marquez e Deputado!...



OS GLOTOENS.

.....
Que os gazeos olhos pela mesa espalha
Por ver se ha mais comer que tire ou peça,
Entrando n'elle com tal fome, e pressa
Qual faminto frizão em branda palha;

(N. TOLENTINO—*Soneto.*)

Oh tu quadrada Musa impavesada, (1)
Soberana rainha da papança,
Borrachuda matrona insasiavel
Que tens o corpo pingue, e larga pança;

Oh tu arca bojuda que resguardas
O profuso fardel das comidelas;
Amasona terrivel, devorante
Té capaz de engolir mil caravelas :

Esganiça o pescoço longo-estrito,
Em linha poem os teus animalejos,
Os horridos abutres, feyos lobos,
Porcos, galinhas, gatos, percevejos.

Vem á triste morada do trovista
Hum canto lhe inspirar que cheire a bife,
Para a fama elevar dos lambareiros
Sobre as grimpas do monte Tenerife.

Vem filha do pincel do grande Alciato
Dourar os versos meus que, descorados,
Não podem atrahir Leitores sabios,
Amantes da lambança e bons guizados.

Derrama n'estas linhas desbotadas
O perfume odorante da linguica,
Do payo portuguez, do bom salame,
Que a fome desafia, e nos atica.

Transmuda o negro véo da escuridão,
Que a vista me detem, cerrando os olhos;
Hum quadro me appresenta em que divide
Saboroso pastel com seus refolhos.

Presuntos de Lamego, perús cheyos,
Roasteebiffs, e leitoens, tenras perdizes,
Tostado arroz de forno, nabos quentes,
Ganços, marrecas, patos, codornizes.

Fervendo, em niveas taças crystalinas,
Espumante *Champagne*, geropiga,
O bastardo, o madeira, o porto velho—
Que tem a *via lactea* na barriga.

Cerveja da *godemia*, maraschino,
O licor de *Campinas*, decantado,
Que faz sua visita, pelas *onze*,
A' gente de focinho alcantilado.

Bojudos garrafoens, quartólas cheyas,
Em linha de batalha, á romper fogo,
A' sucia comilona provocando
A gula saciar, por desafogo.

O còro das bacchantes estrondosas
Em dilirio bradando o—*evohé*;
N'hum canto a negra morte *esborneada* (2)
Tomando huma pitada de rapé.

Fortalece meu estro, oh grande Musa,
Estende os cantos meus pelo Universo,
Que hum hymno á teus alumnos se consagre,
Se tam sublime preço cabe em verso!

Dos glotoens já cadentes leyo a fama
Nas paginas de hum livro *quinhentista*;
Vejo a gula amolando as ferreas garras,
Para em guerra tenaz fazer conquista.

E's tu valente Clodio—o fero Anibal,
Que rompendo na frente dos papoens,
Vais mostrar a potencia gargantona
Dos xeques da *bebança*, e comiloens.

Refere o grão Macedo, autor de nota,
Que só tu n'huma ceya chupitaste
De saborosos figos huns quinhentos,
Além de dez meloens que inda mamaste.

E, para terminar o tal repasto,
De tordos seis dézenas consumiste,
Do fructo da videira vinte arrateis,
Com mais ostras quarenta que engoliste.

Melon Crotoniense, por basofia,
Hum touro devorou, de quatro annos;
Theogenes tambem, famoso atleta,
Por aposta comeu tres bois cabanos.

E Phago, em lauta mesa—á custa alheia,
Transportou para a pança tres leitöens,
Dous carneiros, hum ganço, hum javali,
De senteyo cem paens, quatro meloens.

Mithridates honrou com pompa e cultos
Os vivos sorvedouros ambulantes,
Com premios distinguiu canina fome,
Dos avidos abutres devorantes.

Cambyses rei da Lydia, em certa noute,
Atracou-se á consorte com tal gana,
Que a metheu inteirinha no bandulho,
Como quem imbutia uma banana!

O ebrio Philoxeneo lamentava
Hum pescoço não ter de Braças mil,
Onde o vinho corresse a pouco e pouco,
Como corre das pipas n'hum funil.

A fecunda Bretanha viu, com pasmo,
Hum filho d'essa Roma armipotente,
Que de seixos comia cinco arrateis,
Hum bóde semi-morto, e meyo quente.

E tam feya a garganta se mostrava,
Que em horror excedia huma cratera;
E tam forte o appetite que nutria,
Que á si proprio comera, si podera!

Outros muintos heroes refere a historia,
Que deixo de narrar, por carunchosos,
De feitos singulares, tam tremendos,
Que os guerreiros deslustram mais famosos.

Desdobre-se a coruna doiorenta
Sobre os nomes dos filhos lá da *extranja*;
Repimpem-se no templo da victoria
Os brasileiros heroes que comem *canja*.

Vinde oh Nymphas cheirosas lá do *Acú*,
De nocturnas essencias perfumadas
Mimosas cavalgando urbanos *tygres*,
Os nomes burrifar-lhes; vinde oh Fadas!

No vasto pantheon quero que brilhem
Os lucidos *varoens* do meu paiz;
Em tela de algodão pintados sejam,
Com bõrra de café, agua de giz.

Ethereo Caravagio trace as linhas
Dos comiloens de rubidos toutiços,
Que o tonel das Danaides tem por pança
Onde cabem, sem custo, mil chouriços.

Callem-se os Celtas, Gregos e Romanos;
Silencio! oh tuba Aonia e Lusitana!
Erguei-vos, oh glotoens da minha patria,
Temos còco, cajú, temos banana!

E tú, audaz Macedo, registrante,
De ronceiras façanhas já caducas, :
Vè quebrarem-se as güelas portentosas
Quaes se quebram no chão frageis *cumbucas*.

Dos Clodios e Miloens prodigios altos,
Do ebrio Philoxeneo heroicõs feitos,
Sem viço, desbotados—já sem còres,
Por terra vam cahindo, em pó desfeitos.

Juncto d'elles assoma ousado e forte,
O dente arreganhando, hum deputado,
Que com quatro discursos sem tempero
Nos cofres da Nação tem *manducado*.

Hum longo diplomata *alagartado*,
Com pernas d'aranhão extenso pé,
Que na Europa se fez profundo e sabio,
No trafico do fumo, e do café.

Retumbante engenheiro de compasso,
O lume encaixotando nos planetas,
Mettendo em *Capricornio, Libra e Venus*—
O sonante metal chucha com tretas.

Centenas de empregados—*gente limpa*,
Que os pebedos não roe, por não ter dentes,
Encaixando no fardel das comidelas
O mundo reduzido a dobroens quentes.

Famintos tubaroens, sedentos monstros—
Immortaes thesoureiros d'obras pias,
Que engolem pedras, o metal devoram—
Sem que ronque a barriga em taes folias.

Os sagazes carólas d'ordens sacras,
Vigarios, andadores, sachristaens,
Que tragam n'hum momento, Igreja e Santos—
Sem metter na contenda os capellaens.

Oh, si Deus sobre a terra derramasse
Moedas de *quintal*, causando horror,
Inda assim saciar não poderia
A fome d'hum voraz procurador!

Prestante pae da patria—*homem de peso!*—
Entre rato e balea—acachapado—
Morde aqui, roe alli, *lambe* acolá—
Mette dentro do bucho o *Corcovado*.

Se quereis, ó Leitor, ver já por terra
Cambyses, que engoliu sua consorte,
Sim, prodigio mayor vos appresento—
Hum Ministro vos dou—*papal Mavorte*.

Que, abusando das leis da natureza,
A' maen patria se agarrá, como louco;
Chupita a pobre velha, e logo brada,
(Batendo no bandulho)—inda foi pouco!...

Deixemos pois atraz a gloria antiga,
Das potentes gargantas esfaimadas;
Hosannas entoemos furibundas
A's modernas barrigas sublimadas.

Que feitos gloriosos, d'esta laya
Gravados viverão na lauta historia,
No perfume do vinho, e dos guizados
Voarão sobre as azas da memoria.



NOTAS.

(1) Vid. *Cand. Lusit.* tom. 1. pag. 314.

(2) *Esborneo*—termo chulo e usado como synonymo de embriaguez.



PHARMACOPEA.

**Temos pimenta,
Grato elixir,
Que os vícios cura:
Sem affligir;
Tambem sementes
De dormideiras
Que impaffias cura,
E frioleiras.**

(Do Autor.)

**Primores d'além sec'lo, já caducos,
Focinhudas rapozas estufadas,
Vinde ao vasto armazem de Citherea,
Reformar as caraças desbotadas.**

**Temos carmim
Que a face enrubra,
Sem que a velhice
Fatal descubra.
Bellos chinós—
Para os papalvas—
Que encobre a *cuya*,
Das que sam calvas**

Para o velho que soffre d'enchaquecas—
Trovoens e pataratas de barriga,
Em secco fuzilando, sem proveito,
Para o fero Esculapio que o fustiga—

Temos seringas,
Lá do Pará,
Agua de Celtz,
Mas feita cá;
Raiz saudavel
Do almeirão,
Que cura toce
E catarrão.

Estulta rapariga, apavonada,
Que campa de Doctora, e sabichona.
Cuidando, por saber *Paulo de Kock*,
Que os fóros já não tem de toleirona—

Venha que temos,
Para lhe dar,
Rotos calçoens
P'ra concertar;
Velhas ceroulas,
Huma vassoura,
Que a fama elevem
Da tal Doctora.

Matuto que se mette a saberete,
Esquecido do milho e das abob'ras,
Não sabendo escrever seu proprio nome,
Arrota que tem lido grandes obras—

Oh! para este
Temos arreyo,
Albarda, esporas,
Cabresto e freyo;
E si contente
Se não mostrar,
Rebenque n'elle,
Toca a marchar.

Marido que a consorte não recata,
Entregue ao desvario, ao desatino;
Que na pandega alegre não repara,
A figura que faz de—*Constantino*—

Tem sortimento,
Já reservado,
Grinalda e gòrra,
Chapéo-armado;
Barrete, á moda,
Com dous raminhos,
Para descanso
Dos passarinhos.

Para as damas perluxas d'alto bordo,
Que servem, nos saloens, de figurinos,
Enfeitadas bonecas de vidraça
Que alucinam os *Vates culibrinos*—

Lindos toucados,
De sêda fina,
Tendo na frente
Alva cortina;
E outros muintos
Com reposteiros,
Que tambem servem
De mosquiteiros.

Para as *bellas amantes do postiço*,
Que mettem barbatanas pela saya,
Onde o vento bregeiro, remexendo,
Deixa ver as perninhas de lacraya—

Temos *baloens*,
Torcida e gaz—
Estopa grossa
Com agua-raz;
E de farélos
Hum travesseiro,
Para enfunar
O alcatreiro.

Para o tólo mancebo desfructavel,
Que cem moças namora de pancada,
E julgando-se Adonis—na belleza,
De perfumes se *borra*, e de pomada—

Casa de orates,
Dieta e bichas,
Graneó rapado,
Lambadas fixas;
Camisa longa,
Purga de sal,
Que a bóia afresca,
E cura o mal.

P'ra o torpe jornalista que não sente,
A penna mergulhada na deshonra;
E de vícios ~~coberto~~, o saltimbanco,
Só tracta de cuspir na alheia honra—

Prudencia e tino,
Criterio e sizo;
Tambem vergonha,
Si for preciso:
E se esta dóze
Lhe não bastar,
Hum bom porrete
Para o coçar.

Para os finos garòtos, e filantos
De cigarros de palha, ou de charutos,
Que levam noute e dia a pedinchar,
De carinha lavada, e muito enchutos—

Hum—já acabou-se—,
Aos taes *flauderios*,
Que o mais é bucha—
Fóra gauderios!—
E si teimarem
Com tal chincar,
Hum *quebra-queixos*,
P'ra os desmamar.

Para os velhos carólas, marralheiros,
Que affectam de santinhos—só de dia;
E sendo noute velha—encapòtados,
Não resistem de amor á *fanfurria*—

Cheiroso banho,
D'alta janella,
Que os ponha á trote,
Fugindo d'*Ella*;
Topada e queda,
Nariz quebrado,
Hum bom vergalho,
Mas bem puchado.

Para o filho de pae *agonçalado*,
Sem brio, sem saber, sem criação;
Que os velhos venerandos desrespeita,
Entre ovelhas mostrando-se leão—

Quartel, chibata,
Marinha ou praça,
Que hum cordeirinho
O lobo faça;
E si o tratante
Não for barão,
Morada gratis
Na Correção.

P'ra o ancho protector das lettras patrias,
Mais cacório que o chisme—no *fantar*;
E que cheyo *d'oral* filantropia,
Os impressos chupita sem pagar—

Hum sancto breve,
Huma defeza;
Hum *patuá*
Contra a esperteza;
E si o maçante
Inda insistir,
Sebo nas pernas—
Tóca a fugir.

Para o genio sagaz de hum *pae da patria*,
Amante da pobreza desvalida,
Que *lambisca* aos patetas o que póde,
E lá mette n'aljaba fementida—

Huma denuncia,
Com documentos,
Onde as *ratadas*
Pulem aos centos.
Depois cadeia,
Calcèta ao pé;
Que é cousa sancta
Contra o *filé*.

..

Mas basta; oh Musa minha não prosigas,
D'alguem desagradar já me arreceyo;
Termina, mas fallando dos trovistas,
Que malham com furor no vicio feyo.

« Bebem do roixo,
« Tomam café,
« Pitam charuto,
« Cheiram rapé.
« Jogam pacáo,
« Truque, manilha;
« Quando Deus quer,
« Tambem o *pilha*. »

QUE MUNDO È ESTE?

Que mundo? que mundo é este?
Do fundo seyo d'est'alma
Eu vejo... que fria calma
Dos humanos na fereza!
Vejo o livre feito escravo
Pelas *leis* da prepotencia;
Vejo a riqueza em demencia
Postergando a natureza!

Vejo o vicio enthronisado;
Vejo a virtude cahida,
E de coròas cingida
A estatua fria do mal;
Vejo os traidores em chusma
Vendendo as almas impuras,
Remexendo as sepulturas
Por preço d'aureo metal.

Vejo fidalgos d'estopa,
Ostentando os seus brasoens,
Feyo enxerto de dobroens
Nos troncos da fidalguia;
Vejo este mundo as avessas,
Seguindo fatal derrota,
Em quanto farfante arrota
Podres grandezas de hum dia!

Bronzea estatua—o rico surdo
Aos tristes ais da pobreza
Amostra com vil rudeza
Huma burra aferrolhada;
Manequim de estupidez
No orgulho vão da cubiça
Tem por divisa sediça
—Alguns vintens e mais nada.

O poder é só dos Cresos,
A sciencia é de encommenda;
Sem capital e sem renda
Com pouco peso—o que val?
Talentos—palavroens òcos!—
Que nunca deixaram saído;
Não ha substancia no caldo
Que não tempera o metal!

Sisudez... que feya masc'ra!
Isso é peste, isso é veneno!
Si é pobre, nasceu pequeno,
Quem aspira a posição?!
Não vê que é grande toleima
Querer subir sem moeda,
Pois não escapa da queda
Quem teve hum leito no chão!

Que se impertigue enfunado
Algum sandeu que traz marca...
Reparem que a bisca embarca
Que leva á véla o batel!
E o povo que o vê fulgindo
Com lantejoulas brilhantes
Não olha p'ra o que foi d'antes,
E nem lhe enxerga o xarel!

E o mais é que zune e grasna
O patéta aparvalhado!
Parece que é deputado
Os Ministros fulminando;
Grita, berra, espenoteya,
Calumnía, faz intriga,
Mas logo falla a barriga,
E vai a tète chupando!

Digam lá o que quizerem,
Falle embora o maldizente;
Eu bem sei que tudo mente,
Sei que o mundo tem razão;
Si eu tivesse na algibeira
Alguns cobres, que ventura!—
Mudava o nome, a figura,
Ficava logo—*Barão!*



CARTA DO VATE MURIÇO'CA

A' SEU PRESADO AMIGO ZEBEDEU.

Amigo Zebedeu, querido amigo,
Dormindo ou acordado eu sou com tigo.

Quer á mesa comendo, repimpado,
O meu *pé de moleque*, ou rebuçado;
Quer montado no magro *piqui-páo*,
Tocando a minha gaita, ou birimbáo,
Eu vejo-te luzido, e fulgurante,
Qual o neto gentil do velho Atlante.

Se á noute, quando brilha a *Lua ardente*,
Seus rayos dardejando livremente,
Intento esbordoar a branda Lyra,

Do meu estro cedendo á forte pyra;
Diviso a tua fórma arrebatada,
Qual Venus pudibunda, nacarada !

Se atracado aos meus livros de Direito,
Onde rombos medonhos tenho feito,
Eu consulto o Ponelle—grão Romano,
E o doucto Francez—Tribuniano,
Sempre tu me appareces embrulhado,
Na tunica de Nesso encapotado !

Se vago taciturno, sem destino,
Em busca de nabiça, ou de pepino,
Para d'elles fazer algum petisco,
E á pança pagar o duro fisco,
Eu vejo-te formosa pimpinella,
Qual rato de luneta na janella !

Oh grata simpathia, que nos liga
Como grãos apegados n'huma espiga !
E já que entre nós dous reina a amizade,
Sob os gonzos da san felicidade,
Consente que te diga o que hei feito
Nas artes, e nos fastos do Direito.
E deixando a modestia, que é maçada,
Os casos narrarei com versalhada.

Não sou brutal masmarro em poesia,
Pois detesto a maçante prosa fria;
Hum poema já fiz, dos de retorno,
Pariu esta cachóla, immenso forno !

Sobre as grimpas subi do Heliconio,
Montado no cachaço do demonio;
As Musas deslumbrei com meu tambor,
Os fóros conquistei de alto cantor.
Com odes, d'improviso, fiz fracasso,
Deixando o louro Apollo n'hum *cagasso!*
Os versos recitei com força tal,
Que os ouvintes fugiram p'ra o quintal,
Sentindo lá por dentro tal barulho,
Que no chão cada hum fez seu *embrulho*.
Oh talento da Musa *purgativa*,
Que á turba confundiste em roda viva!

Na grande e magestosa Faculdade,
Onde provas já dei de *habilidade*,
Os collegas me encaram respeitosos,
Pelos actos que fiz, *maravilhosos*;
E n'hum dia que fui á sabbatina
O meu lente *espichei*—tinha batina!

Na festa que lá vem de anno em anno,
Do Atheneu, que chamam, Patlistano,
Já fiz huma tremenda discurseira,
A' que todos chamaram—babuseira.
Disse cousas que todos se espantaram,
Não sei como pátetas não ficaram!
Oh poder do talento, da razão,
Mais troante que hum tiro de canhão!

—Cedendo á rija força que me pucha
Hum trecho aqui te dou da tal estúchia.—

« Meus Senhores!—Presentes e futuros—
« Perdoem se me expresso em termos duros.

« Esta nobre e luzida companhia,
« Que se augmenta de dia para dia,
« E' qual ramo de rosas florecente
« Em peito de donzella refulgente,
« Exalando perfume delicado,
« Que nos faz commetter mortal peccado!
« E' a luz do progresso, da razão,
« Pelo mundo espargindo o seu clarão;
« E' o facho da tocha da verdade
« Que nas trevas derrama a claridade,
« E' do fogo do Céu brilhante effluvio
« As aguas estancando do diluvio!
« E' rayo que fuzila reluzente,
« Qual razão na cachóla do demente,
« E' o fero inimigo da mamparra
« Que a vil estupidez no mundo esbarra!... »

Imagina, meu charo Zebedeu,
A figura que fiz de Coripheu!
Tive applausos, foi cousa nunca vista,
Disseram que na testa eu tinha *crista*.
Huns gritavam que eu era o *Mirabeau*,
Apezar da figura de *Crapaud*;
Aquell' outro dizia—*que talento!*
Os Lentos bradavam—*que portento!!...*
Os collegas, de mais entendimento,
Baixinho murmuravam—*que jumento!!....*

Imagina, meu charo Zebedeu,
A figura que fiz de Camapheu!...

Outras cousas eu tenho, de primor,
E, como sei que á ellas dás valor,
As irei pouco a pouco relatando
Para que tu as vas apreciando;
Sobre tudo hum discurso bestial
Que espantou hum preclaro Tribunal.

Amigo Zebedeu, querido amigo,
Dormindo ou acordado eu sou com tigo.

Não te esqueças do Vate—
Muriçóca,
Doctor da Mula-Russa—
Tapióca.



O BARÃO DA BARRACHEIRA.

Quando pilho hum d'esses *nobres*,
Ricos só d'aureo metal;
Mas d'*espírito* tam *pobres*
Que não possuem real,
Não lhes saíio do costado;
—Sei que é trabalho baldado,
Porque a pelle dura teem;
Mas eu fico satisfeita,
Que o meu ferrão só respeita
A virtude, e mais ninguem !

(F. X. DE NOVAES.—*A Vespa.*)

Na Capital do Imperio Brasileiro,
Conhecida pelo—Rio de Janeiro,
Onde a mania, grave enfermidade,
Já não é, como d'antes, raridade;
E qualquer bestalhão endinheirado
De nobreza se faz empanturrado—
Em a rua, chamada, do Ouvidor,
Onde brilha a riqueza, o esplendor,

A' porta de hum modista, de Paris,
Lindo carro parou.—Numero—X—;
Conduzindo hum volume, na figura,
Que diziam, alguns, ser creatura,
Cujas fórmãs mui toscas e brutaes,
Assemelham-n'á brutos animaes.
Mal que da sege sahe a raridade
Retumba a mais profunda hilaridade.
Em massa corre o povo, apressuroso,
Para ver o volume monstruoso;
De espanto toda gente amotinada.
Dizia ser cousa endiabrada.

Huns affirmam que o bruto é hum camello,
Por trazer no costado cotovêlo;
E' asno, diz hum outro, anda de tranco,
Apezar do focinho d'urso-branco!
Ser jumento aquell' outro declarava,
Porque longas orelhas abanava!
Recresce a confusão na intelligencia,
O bruto não conhecem *d'excellencia!*
Mandam vir do Livreiro Garnier,
Os volumes do grande Couvier;
Buffon, Guliver, Plinio, Columella,
Moraes, Fonseca, Barros e Portella;
Volveram d'alto a baixo os taes volumes,
Com olhos de luzentes vagalumes,
E d'esta nunca vista raridade
Não poderam notar a qualidade!

Vencido de roaz curiosidade
O povo percorreu toda cidade;

As caducas pharmacias, livrarias,
As boticas, e vans secretarias;
E já todos a fé perdido tinham,
Por verem que o brutal não descobriam,
Quando ideia feliz, e luminosa,
Na cachóla brilhou d'hum *Lampadoza*;
Que excedendo em carreira os finos galgos,
Lá foi ter á Secreta dos *fidalgos*;
E dizem que encontrára registrado
O nome do colosso celebrado:
Era o grande *Barão* da borracheira,
Que seu titulo comprou na regia feira!...



O PHOSPHORO.

Eram tres Sacerdotes sabichoens,
E hum brutal frisão embatinado,
Discutindo os prodigios do talento
E o vasto progresso decantado.

Hum d'elles, que campava de erudito,
Grandes casos narrava *em tom de ré*;
Com testa mal franzida, olhar sisudo,
Revolvendo os mysterios d'alta fé!

Aquelle, litterato de jornaes,
De velhas anædoctas chafariz,
Pintava em velha porta enegrecida
A cara de Plutão com alvo giz.

O outro que versado se amostrava
Em rudes tradições do tempo antigo,
Dizia que Noé sulcára os mares
Mettido com Adão n'hum grande gigo.

Silencio! então bradou o tal masmarro,
Assestando a luneta na caraça;
—Não creyo n'essas burlas, já rançosas,
Em factos antiquados—vil trapaça.

O sec'lo dezenove altivo mostra
Dos homens o poder que ao Céu transporta;
Os barcos de vapôr, a ferreá estrada,
E o aereo balão que os ares corta.

E sobre as maravilhas descobertas,
Com chamma encantadora o mundo abraza,
O delgado palito phosphoroso,
Que dos genios a força audaz empraça!

Oh robusto milagre da razão!
Vejo a flamma brilhante que desponta
No bico de hum graveto delgadinho,
Apenas esfregando—*mais p'ra ponta!*

Não cercam a morada luctuosa
Os salgueiros, os funebres cyprestes,
Nem lhe guarda os humbraes da sepultura
Pesada lage de espartano marmore,
Somente levantado em quadro negro
Epitaphio se lè, que impoem silencio!
—Descansam n'este lar caliginoso
O misero captivo, o desgraçado!...

Aqui não vem rasteira a vil lisonja
Os feitos decantar da tyrannia,
Nem offuscando a luz da san verdade
Eleva o crime, perpetúa a infamia.

Aqui não se ergue altar ou throno d'ouro
Ao torpe mercador de carne humana.

Aqui se curva o filho respeitoso
Ante á lousa materna, e o pranto em fio
Cahe-lhe dos olhos revelando mudo
A historia do passado. Aqui nas sombras
Da funda escuridão do horror eterno,
Dos braços de huma cruz pende o mysterio,
Faz-se o sceptro bordão, andrajo a tunica,
Mendigo o rei, o potentado escravo!



As duas mimosas producçoens que seguem-se
sam do Exm. Snr. Dr. José Bonifacio de Andrada e Sil-
va, que dignou-se de offertal-as ao autor d'este folheto.



O TROPEIRO.

I.

O ARREEIRO.

Olha a madrinha da tropa,
João;
O lote não vai seguido,
Deitou-se o burro—Perdido—
No chão!

Sentido no alevantar,
Cuidado!
E' ariscã a besta baia,
Anda, vê que ella não caia,
Pasmado!

Toca a—Fidalga—da beira
Da serra;
Si escorregar, vai-se embora
Pelo barranco de fóra
Na terra.

Diabo, que fazes tu,
Não vès?
Sacode o relho, o chicóte,
Só andam cinco no lote,
São seis.

Tinhoso, vira essa cara
No andar;
Estou vendo a cabeçada
Da besta mais carregada
No ar.

Olha o cavallo tordilho
Parado;
Sentido que o lote espalha,
Já traz pendida a cangalha
Do lado.

Deita, deita o tapa-olhos,
 Não pares;
Aperta mais o arròcho,
Vai o ligal meio frouxo
 Nos ares.

A ferradura ali está
 Da mão;
Anda, suspende o embornal,
Não vès o saco de sal
 No chão?

Ché que esperança! lá vou,
 Rapaz;
Vou só beber a caninha
Ali n'aquella vendinha
 —Detraz.

Vamos depressa, galopa,
 Machinho;
Em dous minutos lá estou,
Tenho as chilenas—lá vou,
E volto logo ao caminho.

Tenho o meu ponche, a garrucha,
Que mais?
Posso seguir socegado
—Que vou correndo o meu fado,
Vou com Deus, e vou-me em paz.

II.

O TOCADOR DE LOTE.

Enrolemos o couro,—é já dia,
Vamos ver nossas bestas no pasto;
Tenho faca, o cigarro alumia,
P'ra total-as de lá eu só basto.

Vamos, vamos,—estacas no chão!
Vamos, vamos,—caminhe-se em paz!
Aqui tenho os cabrestos na mão,
Tenho milho, cangalha, embornaes.

Carreguemos—que o sol já lá vem;
Carreguemos—que é tarde—partir!—
Decerei esta serra—inda bem!—
Volto logo, bem sei que heide vir.

Ai soltemos o lote primeiro,
E na frente que *puche* a madrinha;
Besta velha—com passo ligeiro,
Que não levas em vão campainha.

Guia as outras, não percas o rumo,
E sentido que alguma não passe;
Tenho os pés callejados,—á prumo
Cahe o sol,—já tostou-me esta face.

Vou dormir lá por baixo da serra;
Tenho o couro, de nada preciso;
Descarrego os jacás,—sobre a terra
Durmo alegre ao luar—que surriso!

Bem me entendem as bestas, si fallo;
Tem seu nome—qu'eu as baptizei;
No assobio, do relho no estálo
Si converso com ellas eu sei!

Vou cantando—que o sopro d'aragem
Traz-me o riso na voz do trabalho;
De viola na mão—na viagem
Bato o pé na *tyranna*, si falho.

Vamos, vamos seguindo o caminho
—Que eu já tenho saudades da serra;
Nasci lá pelos montes sosinho,
Quero ver outra vez minha terra;

Minha casa de palha coberta,
Minha cerca de páo de pinheiro;
Quero ouvir, quando a aurora desperta,
O meu gallo cantar no poleiro!

III.

O COSINHEIRO.

Já está bem perto
O poiso ali,
Voltando o morro
Qu'eu bem o vi.

Eis o ancorote—
Água busquemos;
Si houver demora,
Sei o que temos!

Preparo o fogo
E o caldeirão;
Já tenho prompto
Sal e feijão.

N'hum fechar d'olhos
Tenho o jantar;
Barriga cheia—
Toca á folgar.

Não pucho bestas,
Não levo cargas;
As noites minhas
Não são amargas.

Pelas estradas
Sou eu o rei;
Vou de *corcova*,
Vou qu'eu bem sei.

Alegre e rindo,
A vida aceito;
Tenho o sincêro
Dentro do peito.

Bem pequenino
Deixei meu ninho;
Fui *correr mundo*
Pelo caminho.

Eis chega a noite,
Brilha o luar;
Do fogo em roda
Vão-se aquestrar!

Vamos depressa,
Temos café;
Depois diremos
Quem bate o pé.

Tenho hum bentinho,
Tenho hum roزاریo;
Lá vem as contas
Do meu fadario.

S. Paulo—1850.

CALABAR.

Oh não vendeu-se, não!—elle era escravo
Do jugo portuguez—quiz a vingança;
Abriu sua alma ás ambiçoens de hum bravo
E em nova escravidão bebeu a esp'rança!
Combateu... pelejou... entre a batalha
Viu essas vidas que no pó se somem;
Enrolou-se da patria na mortalha,
Ergueu-se—inda era hum homem!

Calabar! Calabar!—foi a mentira
Que a maldição cuspio em tua memoria
Amaste a liberdade;—era huma lyra
De loucos sonhos, d'elevada gloria!
Alma adejando n'este Ceo brilhante
—Sonhaste escravo reviver liberto;
Subiste ao largo espaço triumphante,
Voaste—era hum deserto!

A quem trahiste, heroe?—na vil poeira
Que juramento te prendia a fé?!
Escravo por escravo—essa bandeira
Foi de hum soldado—lá ficou de pé!.....
Viu o sol entre as brumas do futuro
—Elle que por si só nada podia;
Quiz vingar-se tambem,—no sonho escuro.
Quiz ter tambem seu dia!

O pulso roixo da fatal cadeia
Brandiu huma arma, pelejou tambem;
Viram-no erguido na refrega feya,
—Sombrio vulto que o valor sustem!
Respeitai-o—que amou a heroicidade!
Quiz erguer-se tambem do raso chão!
Foi delirio talvez—a eternidade
Teve no coração!

Oh que o Céu era lindo, e o sol se erguia,
Como hum incendio nas brasileiras terras;
Da cimeira da selva a voz surgia,
E o som dos ventos nas remotas serras!
Adormeceu...—á noite em funda calma
Ouvio ao longe os echos da floresta;
Batteu-lhe o coração—triste sua alma
Sorriu-se—era huma festa!

Homem—sentiu na carne desnudada
O açoite do algoz nodoar a honra,
E o sangue sobre a face envergonhada
Mudo escreveu o grito da deshonra!
Era escravo!—deixai-o que combata;
Livre nunca elle foi, quer sel-o agora,
Como o peixe no mar, a ave na matta,
Como no Céu a aurora!

Oh deixai-o morrer!—d'este martyrio
Não alceis a calúnia ao gráo da historia!
Que fique a lusa mão em seu delirio
—Já que o corpo manchou, manchar a gloria!
Respeitemos as cinzas do guerreiro
Que no pó sacudira a alteira frente!
Quem sabe esse mysterio segredeiro
Do sol lá no horisonte?!

Não se vendeu! infamia... era hum escravo!
Sentiu o estyigma vil, horrendo sèllo;
Pulsou-lhe o coração, viu que era hum bravo;
Quiz despertar do negro pesadèllo!
Tronco sem folhas, triste e solitario,
Debalde o vento assoberbar tentou,
Das azas do tufão ao sopro vário
Estremeceu—tombou!

Paz ao sepulchro! Calabar morreu!
Sobre o tópo da cruz falla a verdade;
Quiz ser livre tambem—elle escolheu,
Entre duas prisoens quiz ter vontade!
E a mão heroica que susteve a Hollanda
A covardia entrega desarmada!....
Vergonha eterna a Providencia manda
A' ingratição manchada!

Morreu!—mas lá no marco derradeiro
O coração de amor bateu-lhe ainda!
Minha mãe, murmurou... era agoureiro
Esse queixume de huma dor infinda!
Morreu, o escravo se desfez em pó.....
Ferros lançai-lhe agora, si o podeis!
Vinde tyrannos—elle está bem sò,
Dictai-lhe agora leis!...

1850.



INDICE.



	PAGINAS.
Prologo:	5
Saudades do escravo.	9
Junto á Estatua.	13
La vai verso!.	17
Caricatura.	21
Sortimento de gorras para a gente do grande tom.	23
N'hum Album.	29
Arreda que lá vai hum vate!.	35
O velho namorado.	37
O grande curador do mal das vinhas!.	44
Pacotilha.	48
A Guarda Nacional.	54
A' hum vate enciclopedico.	61
No album do Snr. Capitão João Soares.	64
Serei Conde, Marquez, e Deputado!.	70
Os glotoens.	72
Pharmacopéa.	83

	PAGINAS.
Que mundo è este? . . .	91
Carta do vate Muriçóca á seu presado amigo Ze- bedeu	95
O Barão da borracheira . . .	100
O Phosphoro	103
Novo sortimento de gorras para a gente do gran- de tom	106
No Cemiterio de S. Benedicto . . .	112
O tropeiro	115
Calabar	123



ERRATAS.



Pagina 14, verso 5, sumidos, leia-se—sumidas.
Na mesma pagina, verso 6, sentilantes, leia-se—scintillantes. (Este erro deu-se em alguns exemplares.)

Pagina 25, verso 8, Sabem menos que &c., leia-se—Sabem menos do que &c.

Pagina 47, verso 1.º, já fumadas, leia-se—já fumados.

Pagina 55, verso 5, sucia, leia-se—chusma.

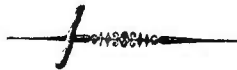
Pagina 57, verso 15, o mar velho, leia-se—o Mar Vermelho

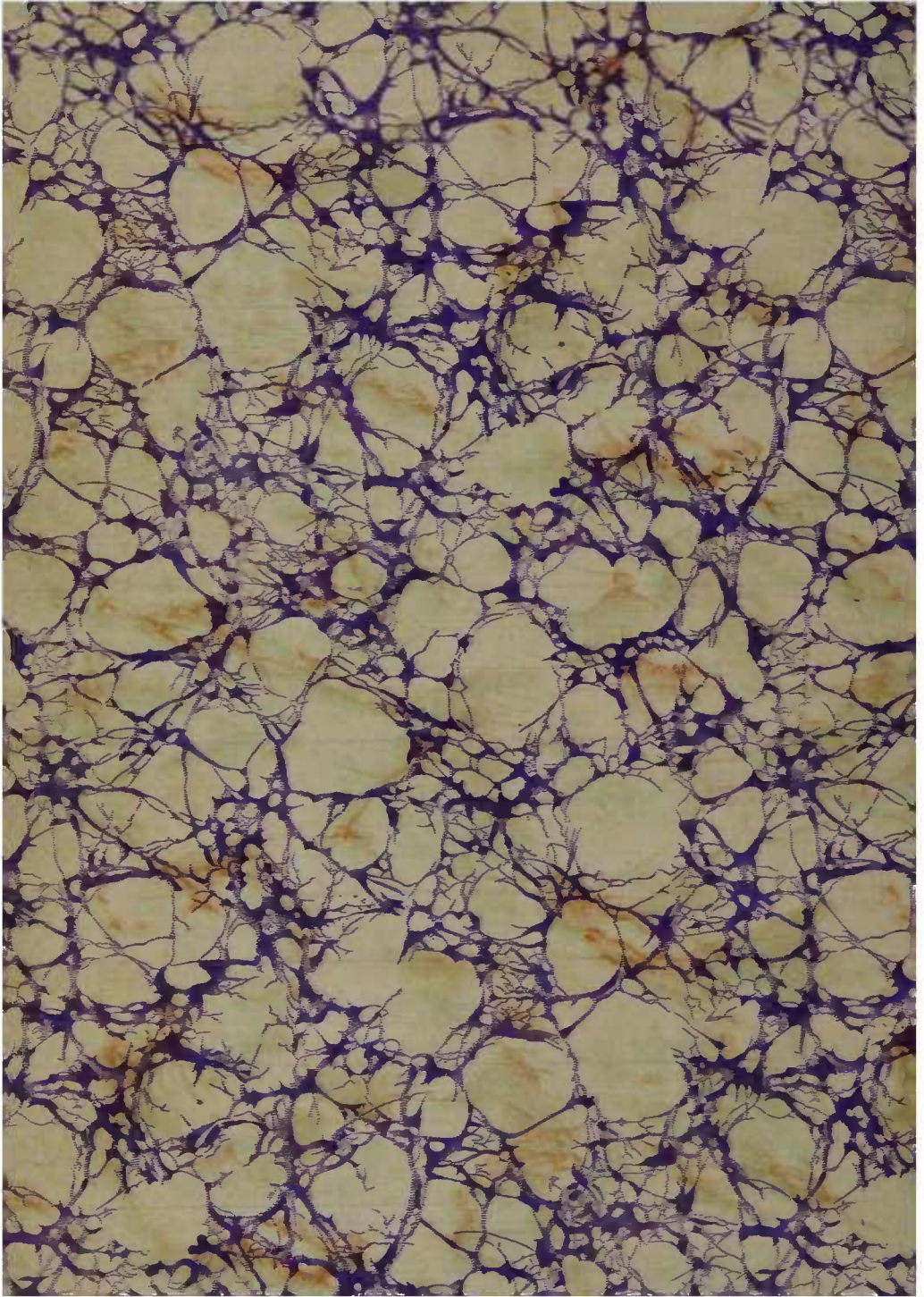
Pagina 62, verso 19, Eo fim, leia-se—E no fim.

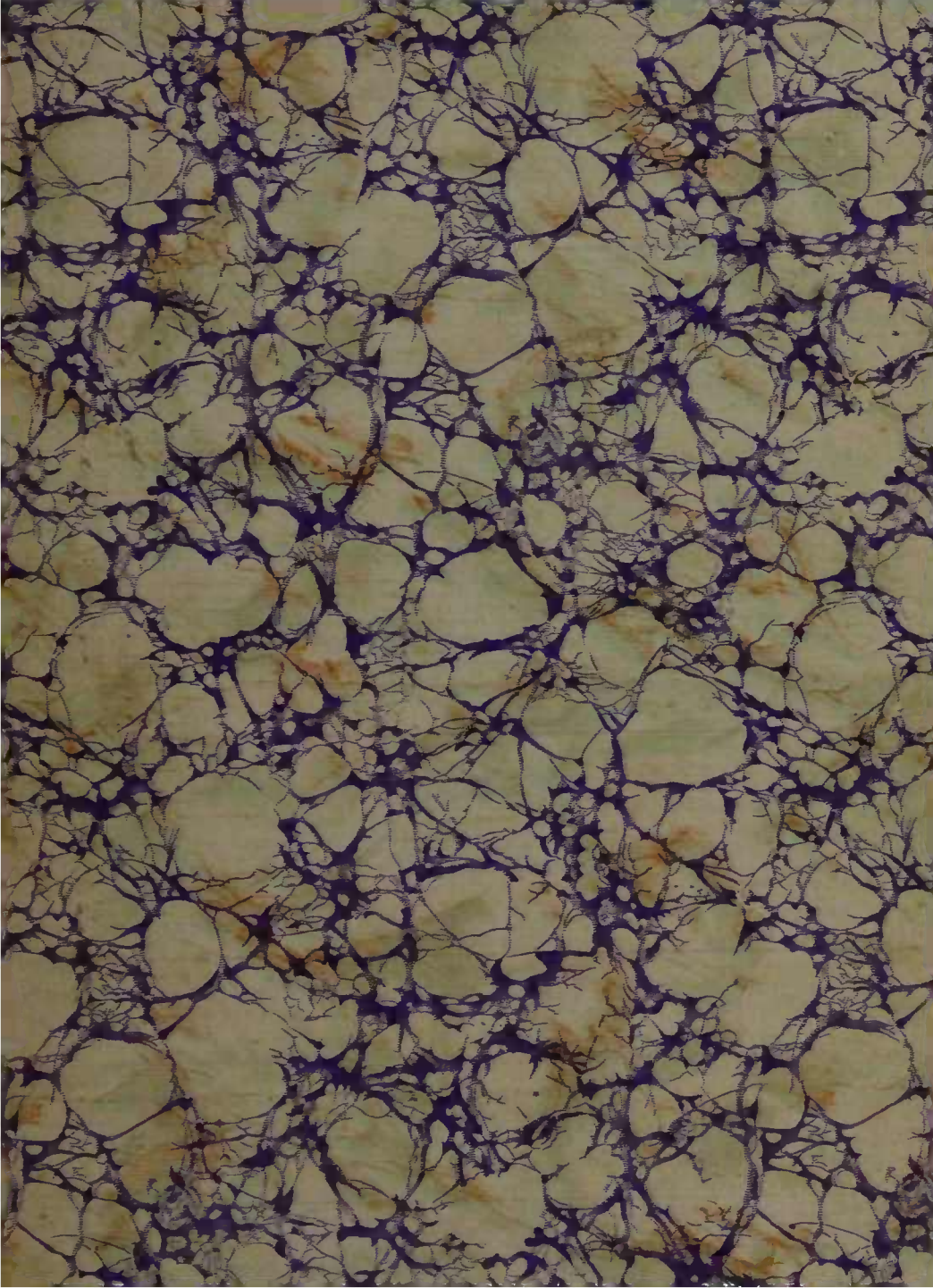
Na mesma pagina, verso 20, A firma do vate &c., leia-se—A firma do tal vate &c.

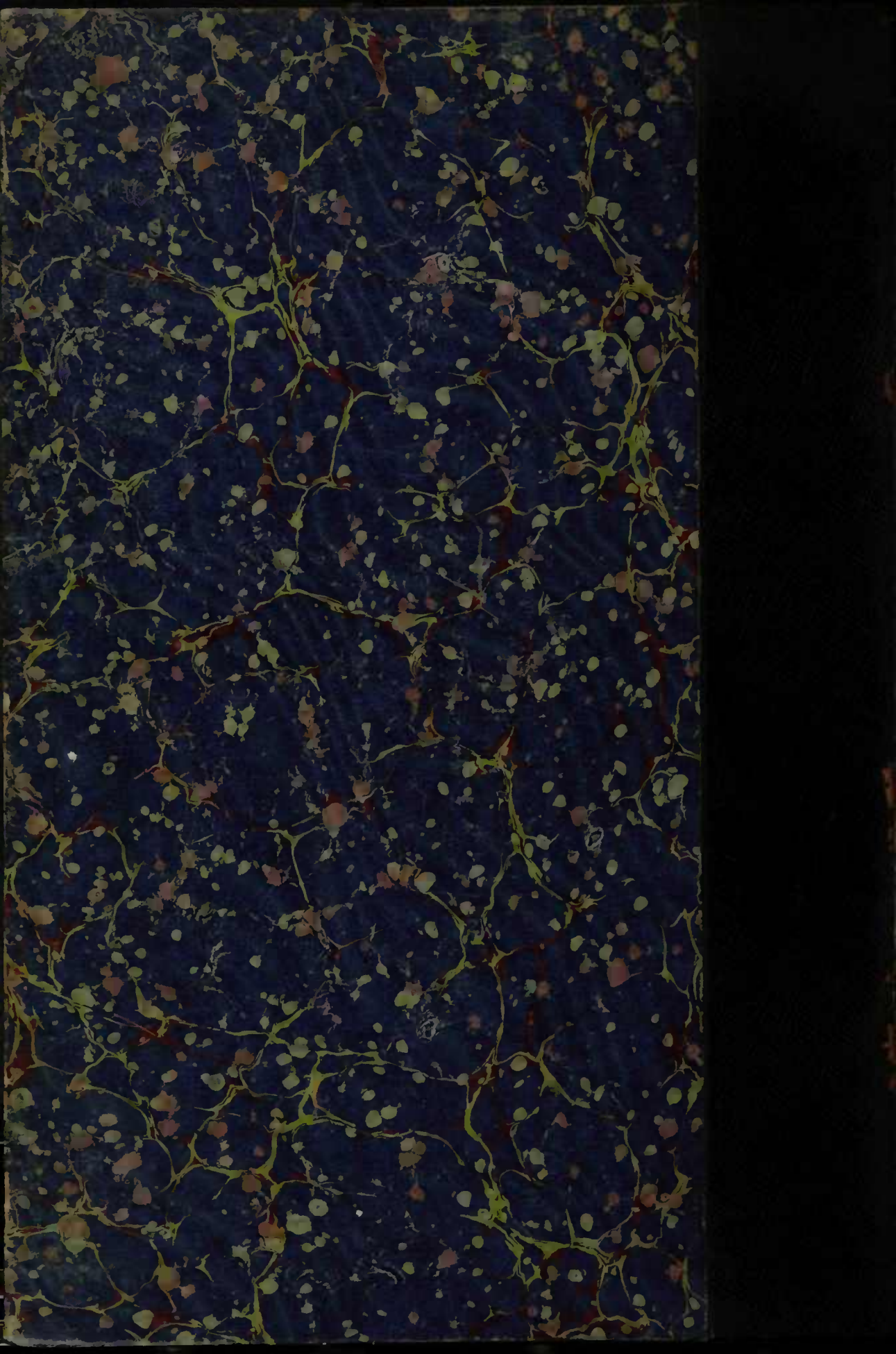
Outros muitos erros ter-nos-hão escapado, apesar do cuidado que pozemos na revisão das provas; d'elles pedimos desculpa aos benevolos Leitores.

Alguns pequenos *defeitos* de metrificacão existem, que não corrigimos por insignificantes, e justificaveis, attenta a nossa condição de principiante. e carencia de conhecimentos.









BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).